

## Novos e Velhos Problemas da Contratação Colectiva em Portugal no Contexto da Integração Europeia.

Lisboa, 3 de Novembro de 1995

A Fundação Friedrich Ebert organizou em Lisboa, durante todo o dia 3 de Novembro, uma Conferência Internacional sobre Contratação Colectiva. Tratou-se, desde a primeira hora, de uma iniciativa que, no quadro da progressiva integração europeia, põs em confronto as posições de sindicalistas nacionais (da CGTP e da UGT) com as de outros especialistas internacionais (do Reino Unido, Itália, Alemanha e Grécia) a respeito das transformações por que vem passando a contratação colectiva em diferentes contextos nacionais.

A conferência foi organizada em três partes. A primeira parte, realizada durante a manhã, constou de uma saudação inicial aos participantes feita por Alexander Kallweit (representante da Fundação Friedrich Ebert) assim como de uma comunicação seguida de dois comentários moderados por Maria da Paz Campos Lima (DINAMIA). A comunicação, apresentada por Pete Burgess (Incomes Data Services, Londres), versou sobre as «Tendências Actuais da Contratação Colectiva na Europa». Embora melhor conhecedor da realidade do Reino Unido, o orador não deixou de lembrar que a contratação colectiva europeia tem conhecido, nos últimos anos, uma recessão acentuada, testemunhada pelas pressões a que tem sido sujeita: a flexibilização das condições de trabalho e a descentralização da contratação (estas duas questões surgem

frequentemente associadas); a flexibilidade do horário de trabalho; ou o desemprego. Isso mesmo foi de algum modo reforçado pelos comentários de António Dornelas (UGT) e de Fernando Marques (CGTP) sobre a situação portuguesa. Assim, se o primeiro chamou a atenção para o fraco poder regulador da negociação colectiva em Portugal, o segundo mencionou o bloqueamento de que a negociação colectiva é alvo muito por influência directa do patronato.

A segunda parte da conferência decorreu ao início da tarde. Procedeu-se então à organização de três grupos de trabalho, cada qual presenteado com uma comunicação seguida de debate. O Grupo de Trabalho I — Indústria Transformadora — teve como oradora Sybille Stamm (IG Medien, Estugarda) e foi moderado por Reinhard Naumann (CIES/ISCTE); o Grupo de Trabalho II — Serviços Privados — contou com a comunicação de Patricio di Nicola (IRES, Roma) e foi moderado por Alan Stoleroff (CIES/ISCTE); e o Grupo de Trabalho III — Serviços Públicos — foi dinamizado por Bernd Keller (Universidade de Konstanz) e teve como moderador Paulo Alves (DINAMIA). Cada grupo de trabalho suscitou a intervenção dos participantes que, estando agora reunidos em ambientes mais informais, puderam dar a conhecer as suas experiências pessoais e fazer saber as suas perplexidades.

Finalmente, a terceira parte da conferência foi marcada por uma sessão final de comentários dos participantes internacionais sobre a situação na contratação colectiva em Portugal em comparação com outros países europeus, assim como por um debate final entre participantes nacionais e internacionais. Digamos que esta discussão final

reforçou algumas das ideias já apontadas num texto prévio que a organização da conferência colocara à disposição dos participantes com o intuito de antecipar as reflexões. Entre outros aspectos, deu-se conta de que as condições da contratação colectiva em Portugal se desenvolvem num contexto específico que é significativamente diferente daquele que vigora na maioria dos outros países da União Europeia, ou seja, que é marcado por um menor desenvolvimento económico e social, por uma menor qualidade das condições de trabalho, por uma fragilidade das relações entre capital e trabalho e por uma conflitualidade entre os próprios sindicatos. Independentemente disso, e a avaliar pela activa participação de especialistas (e não especialistas) da contratação colectiva, pareceu ser do agrado de todos que outras iniciativas como esta possam ter lugar com mais frequência. ■

Hermes Augusto Costa

## Sexismo e Feminismo em Portugal.

Curia, 27-28 de Outubro de 1995

Realizou-se na Curia, a 27 e 28 de Outubro, o Colóquio *Sexismo e Feminismo em Portugal*, promovido pela APEM — Associação Portuguesa de Estudos sobre as Mulheres.

A quantidade e diversidade das intervenções — Conferências e Comunicações — permitiu percorrer algumas linhas de força do debate actual sobre o Sexismo e o Feminismo em Portugal e também na Europa e no Mundo.

Logo a começar os trabalhos, a conferência de Danièle Kergoat («A centralidade do

trabalho: um valor para as mulheres, um combate essencial do feminismo em França») definiu uma dessas grandes linhas, a saber, as relações sociais de sexo enquanto vector fundamental da organização social e política. Partindo da análise do conceito de «relação social» e do que ele supõe em termos de organização do poder político, Danièle Kergoat fez uma leitura da actual participação da mulher no mercado de trabalho, em França, alertando para alguns indícios que podem pôr em perigo as conquistas alcançadas nesse domínio. Contra uma política que subrepticamente tenderia a afastar as mulheres do trabalho assalariado (incentivos ao trabalho a tempo parcial, ao trabalho temporário com a contrapartida de um «salaire parental», ou ainda incentivos à criação de empresas), Danièle Kergoat lança o desafio do «valor social do trabalho para as mulheres como um valor subversivo».

As comunicações de Gina Santos («As mulheres e o ensino da informática»), de Maria Laura Pereira da Fonseca Fernandes («O sexismo na educação/formação das raparigas de classes trabalhadoras urbanas»), de Maria Lucília Marques Escobar Araújo («O sexismo e as escolas profissionais») e de Maria Teresa R. Fernandes («Efeitos do género e formação na representação da prática da enfermagem»), para além de denunciarem os efeitos dos estereótipos na construção da identidade profissional, vêm de certo modo corroborar a ideia do trabalho feminino como subversão da ordem estabelecida, justificando-se, por isso, as diversas resistências colocadas à entrada das mulheres em áreas profissionais tradicionalmente consideradas masculinas.

Uma outra linha de reflexão coloca o problema dos processos de construção de uma identidade feminina. A conferência de Teresa Pizarro Beleza («Desigualdade e

diferença: o estudo do Direito Português»), delineou os parâmetros jurídicos da construção da desigualdade, analisando o modo como essa desigualdade se inscreve na Lei e é simultaneamente produzida pela Lei.

Integram-se também neste âmbito as comunicações de Maria José Casa Nova («Mulher ... e cigana: de adolescente virgem a jovem esposa e mãe»), de Natércia Alves Pacheco («Género e etnicidade: a jovem africana em Portugal»), de Philip Havik («Género, etnicidade e identidade: etno-sexismo e a metáfora») e de Ana Sepúlveda da Fonseca («O poder político das revistas femininas»).

Para além dos estereótipos ligados ao género, também a linguagem utilizada quer no quotidiano (ausência de uma linguagem própria do feminino), quer em textos e documentos oficiais (lembremos o caricato exemplo da lei militar, apontado por Teresa Beleza, onde, pela forma linguística utilizada para se referir o feminino — cidadãos do sexo feminino —, se recusa o direito de cidadania às mulheres) está fortemente conotada em termos de género, contribuindo para a perpetuação das desigualdades sociais.

Um terceiro grupo de comunicações abordou o feminismo português de uma pers-

pectiva histórica, fundamental para compreender a situação actual.

Na conferência de Anne Cova («Abordagem histórica do conceito de feminismo») a reflexão historiográfica surge como forma de elucidar as tendências actuais do feminismo e dos obstáculos que enfrenta.

As comunicações de Madalena Barbosa («Feminismo: tabús e mitos»), de Maria José Magalhães («Feminismo em Portugal nos anos 70-80») e de Virgínia Ferreira («Portugal – Um feminismo difícil») inscrevem-se também nesta área de reflexão. Todas as intervenientes procuram traçar a caminhada dos movimentos de mulheres, mas é sobretudo o trabalho de Virgínia Ferreira que nos permite compreender as razões pelas quais em Portugal, apesar da igualdade instituída, as mulheres enfrentam ainda «barreiras de misoginia» mais resistentes do que noutros países.

Por fim, importa fazer referência à conferência proferida por Hoimanti Dasgupta («Perspectiva sobre o feminismo na Índia»), que nos trouxe notícias de uma realidade bem diferente da realidade ocidental. ■

Clara Lourenço